



## **ASSOCIATIVISMO DOS ESTUDANTES DO ATHENEU SERGIPENSE, A CRIAÇÃO DO JORNAL *O PORVIR* (1874) E SUA NOMENCLATURA**

**Cibele de Souza Rodrigues<sup>1</sup>**

### **Introdução**

O presente artigo é parte do trabalho desenvolvido durante o Mestrado em Educação, realizado na Universidade Federal, entre os anos de 2014 e 2015, tendo como objeto de investigação o jornal estudantil *O Porvir*, datado de 1874, de estilo literário e recreativo, sendo propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense. A coleção localizada do impresso é composta por 12 números, salvaguardada na Biblioteca Pública Epifânio Dória da cidade de Aracaju/SE.

O fato de esse jornal pertencer a uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense chamou a atenção e despertou-me interesse em pesquisá-lo, por configurar-se em um objeto rico a ser explorado, possibilitando novos olhares à História da Educação a partir do universo do aluno. O jornal *O Porvir* (1874) configurou-se também como parte da cultura escolar do Atheneu Sergipense, em que é possível visualizar, entre as páginas do periódico, as relações que existiam no ambiente escolar naquela determinada época, bem como suas representações, ideais e atividades desenvolvidas.<sup>2</sup>

A pesquisa contribuiu, dentre outros aspectos, para o entendimento do movimento de associativismo, marcante no século XIX, e de como ele foi visto como meio de alcance dos

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) – cibelerodrigues017@hotmail.com

<sup>2</sup> Outras fontes não foram localizadas a respeito de impressos estudantis existentes antes daquele momento na instituição. Possivelmente, o jornal *O Porvir* de 1874 trata-se do primeiro impresso de estudantes do Atheneu Sergipense. O estabelecimento de ensino fora criado por meio do Regulamento Orgânico da Instrução Pública de 1870, assinado por Manuel Luíz Azevedo de Araújo, então Inspetor Geral da Instrução. Sobre o Atheneu Sergipense Cf. ALVES (2005).



objetivos em comum, especificamente daquele grupo de jovens alunos secundaristas de Sergipe. Para tanto, foram destacadas, no presente texto, as reflexões a esse respeito.

Deste modo, o presente artigo procura tecer considerações a respeito da criação do jornal estudantil *O Porvir* (1874), destacando o associativismo como principal meio de construção do impresso. Ressalta-se também algumas ponderações a respeito da nomenclatura do periódico, e possíveis relações com o momento em que estava inserido.

Sendo assim, foi fundamental entender os conceitos de associativismo, visto pelo teórico Alexis de Tocqueville (2004); cultura escolar, por Vinão Frago (1994) e Dominique Julia (2001) e cultura material escolar, visto por Felgueiras (2010).

Ao tratar de associativismo, Aléxis de Tocqueville (2005), em sua obra “A democracia na América – Leis e Costumes”, pretende, em um dos tópicos, defender a ideia de que os americanos tinham o costume de se associar para combater o individualismo e o isolamento social. Assim afirma:

Uma associação consiste apenas na adesão pública que certo número de indivíduos dá a determinadas doutrinas e no compromisso que contraem de contribuir de uma certa maneira para fazê-las prevalecer. [...] Quando uma opinião é representada por uma associação, é obrigada a tomar uma decisão mais nítida e precisa. Ela conta seus partidários e os compromete com sua causa. Estes aprendem a se conhecer uns aos outros, e seu ardor cresce com seu número. A associação reúne em feixe os esforços de espíritos divergentes e impele-os com vigor a um só objetivo claramente indicado por ela (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220).

Considerando, então, uma associação como um grupo de indivíduos que possui um mesmo ideal, é possível que os alunos que faziam parte da associação que deu origem ao jornal estudantil *O Porvir*, precisassem de um espaço para discutir suas ideias e opiniões. Segundo os estudos de Rodrigues (2013) sobre as associações do Atheneu Sergipense do século XIX, os alunos daquela instituição “[...] fundaram associações estudantis cujo objetivo era desenvolver o espírito de colaboração para a produção de um jornal que veiculasse suas concepções políticas, sociais e culturais” (RODRIGUES, 2013, p. 3).

A partir desse dado, constata-se a ideia defendida pelo teórico Aléxis de Tocqueville (2004) na obra intitulada “A democracia na América - Sentimentos e Opiniões” quando explica a relação direta entre as associações e os jornais. Ele diz que há um sentimento e um propósito em comum entre os que compõem uma associação, sendo expressos nos jornais.



Deste modo: “O jornal representa a associação; pode-se dizer que ele fala a cada um de seus leitores em nome de todos os outros e os conduz com tanto maior facilidade quanto mais são fracos individualmente” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 140). Ou seja, em forma de associação e com os ideais expostos em um veículo de informação como o impresso estudantil, os alunos do Atheneu Sergipense buscavam suas representações, divulgando suas discussões e ideias, a fim de buscar notoriedade entre seus iguais.

Entendendo também o impresso como parte da cultura escolar, cabe considerar que esse conceito, segundo Vinão Frago (1994),

[...] deve ser entendido como um conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos - história cotidiana do fazer escolar -objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento [...], e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas (FRAGO, 1994, p. 5).

Percebe-se, então, que o jornal estudantil constitui parte desse conjunto de práticas que permite a transmissão de algum conhecimento, de uma determinada época. Nesse sentido, um contributo ao estudo da cultura escolar que assume, por sua vez, um caráter de objeto histórico no âmbito da História da Educação.

Analisando o que declara Dominique Julia (2001) sobre a cultura escolar como objeto histórico, há de se considerar, dentre outros fatores, que este estudo compreende as normas e finalidades da escola, avaliação do papel do professor e o interesse pelas análises de conteúdos e práticas escolares. Logo, evidencia-se que, a partir dessas práticas e perspectivas se inserem também estudos e pesquisas sobre jornais estudantis e que, por meio deles, se torna viável observar o olhar do aluno, como ele descreve seu cotidiano, os seus professores e disciplinas, as questões educacionais, o entorno da escola, dentre outros elementos pertinentes à cultura escolar. Conforme Amaral (2002), com esse tipo de pesquisa,

[...] tem-se a possibilidade de se trazer uma voz pouco escutada pelos pesquisadores, produzindo-se uma nova roupagem ao "velho objeto" que é a Escola. É o ator estudante que se manifesta. Que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos, que passam a ser novas fontes e/ou objetos a darem visibilidade à produção estudantil (AMARAL, 2002, p. 120).



Assim, ao tomar o jornal estudantil em sua materialidade, visto como um objeto que faz parte do ambiente educacional, buscando considerá-lo como cultura material escolar de uma instituição e, para isso, é preciso segundo Felgueiras (2010):

Olhar ‘esses’ objetos como resultados de ações, que incorporam interesses, objetivos e tradições de quem os produz e de quem deles se apropria. E isso aplica-se, quer a um edifício escolar quer a um manual, um caderno de exercícios, uma lousa, um mapa, uma carteira. Estamos perante uma dupla significação: a de quem produziu os objetos, para quê, em que condições e de quem deles se apropria, para que fim, com que interesse e como se articularam objetos com origens e intencionalidades diferentes num mesmo projeto escolar, local e pessoal (FELGUEIRAS, 2010, p. 28).

Torna-se, então, possível, através do entendimento do conceito de cultura material escolar, perceber que o objeto que se constitui o jornal estudantil pode revelar como os agentes envolvidos em tal prática construíram tradições de ensino, ou seja, “a cultura material escolar revela uma civilização que cria a escola e ao mesmo tempo a sociedade que é criada pela escola” (FELGUEIRAS, 2010, p. 31).

Nessa perspectiva, para o presente texto, algumas questões foram formuladas, tais como: Qual era o propósito da associação dos estudantes do Atheneu Sergipense em 1874 para além da criação do impresso? O que os alunos representaram, em suas publicações, sobre associação? Quem estava envolvido na produção do jornal *O Povir*? Quais possíveis relações da nomenclatura do impresso com as circunstâncias que estava inserido?

Diante de tais questionamentos, procurou-se estabelecer como metodologia o diálogo com as fontes bibliográficas e documentais. Deste modo, inicialmente foi feito um levantamento de leituras pertinentes ao tema. Em seguida, fez-se um levantamento de fontes documentais que poderiam ser relevantes para a discussão proposta.

O trabalho age como marco para futuras pesquisas sobre o tema associativismo entre estudantes, e as possibilidades de reflexões a partir do tema, deste modo, um impulso para pesquisadores também interessados.

### **A criação do jornal *O Povir* (1874) por meio do associativismo**



Ao se associarem, os alunos do Atheneu Sergipense logo trataram de fundar um jornal estudantil. Já nos primeiros números de edições, o aluno Álvaro Fontes escreveu um “comunicado aos consócios e redactores do Porvir”, dizendo que a ideia do jornal era “succolenta, grandiosa, e inspirada pelo Céu”, que ela produziria um futuro abundante com “bellos fructos” indicando ainda que a circulação de *O Porvir* naquele momento tinha uma dupla vantagem, a de instruir e educar (*O Porvir*, anno I, n. 3, 16 de agosto 1874.p.2). Escritos como este mostram que os alunos visavam à criação de um impresso como meio de auxílio também ao ambiente escolar em que estavam inseridos.

Ao serem convocados pelo colega José Ricardo Cardoso<sup>3</sup> a participarem de uma reunião onde seria apresentada sua ideia sobre a criação de uma associação entre estudantes, o objetivo primordial era, então, criar um jornal estudantil de caráter “litterario e recreativo” onde veiculasse suas produções, funcionando também como forma de “exercícios de composição” pelos alunos. Com a aceitação entre os colegas, em um dos textos escritos na primeira edição de 1874, um sócio do jornal apresenta a inauguração da sociedade estudantil da seguinte forma:

A talentosa mocidade do Atheneu Sergipense acaba de fundar uma sociedade litteraria com o fim de publicar um periodico hebdomadario, ao qual deu o nome de *Porvir*. A inauguração desta sociedade teve logar no dia 12 do passado mez na casa em que funcçiona a aula do Ilm. Snr. Professor Alexandre José Teixeira, que tão bondosamente no-la ofereceu (*O PORVIR*, anno I, n.1, 2 de agosto de 1874, p. 4).

Dessa maneira, um grupo de alunos do Atheneu Sergipense associou-se a fim de criar um jornal de nome *O Porvir*. Esses estudantes viam, com a efetivação do impresso, a possibilidade de “ensaiarem” seus escritos para assim publicá-los posteriormente em outros periódicos já reconhecidos na época, tais como: *Diário de Sergipe*, *Jornal do Aracajú*, *Diário Popular*, *O Farol*, entre outros.

Para tanto, em meio aos escritos dos estudantes e sócios, é possível perceber a relevância depositada no fato de se associarem com a finalidade de se conquistar espaço de representações, divulgando e defendendo ideias e opiniões. A esse respeito, o aluno Capitolino H. da Costa escreve:

---

<sup>3</sup> Filho do senhor Joaquim Maurício Cardoso e D. Joana Batista de Azevedo Cardoso, irmãos de Brício Cardoso, Severiano Cardoso e Mathusalém Cardoso (GUARANÁ, 1925).



## ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

A mocidade esperançosa do Atheneu Sergipense compreendeu, ainda em tempo, que um acertado passo daria, associando-se para erguer um monumento, que, na história da nossa pátria, marcaria, em sua passagem, a estrada escabrosa do futuro! (*O PORVIR*, anno I, n. 4, 23 de agosto de 1874, p. 1).

Dessa maneira, ao se associarem, os estudantes do Atheneu Sergipense criaram objetivos em comum, publicar seus “exercícios de composição”, relacionados aos assuntos literários, morais e religiosos, representando suas concepções e ideais acreditados e defendidos, embora divergentes entre eles em alguns momentos.

Essa forma de se associar dos alunos pode levar a compreensão da cultura escolar que estava presente naquele momento na instituição. Eis o que diz Rodrigues (2015):

As associações de alunos, presentes no universo dos espaços educativos e de formação, representam as práticas estudantis desenvolvidas dentro das instituições de ensino ou fora delas. O associativismo discente, dotado de peculiaridades e autonomia faz parte de uma cultura escolar e chama a atenção por sua significância na identidade do aluno e da educação (RODRIGUES, 2015, p.105).

O associativismo traz consigo um ânimo que o indivíduo não alcançaria sozinho. Esse meio torna-se forte porque não há uma só voz a falar sobre um ideal, há um grupo de pessoas que estão à luta do mesmo objetivo, por isso os alunos do Atheneu Sergipense viam na luz de *O Porvir* o futuro promissor que almejavam, lutando, assim, pelos seus ideais por entre os escritos do jornal. A esse respeito, Tocqueville (2005) declara: “Não há nada que a vontade humana desespere alcançar pela livre ação da força coletiva dos indivíduos” (TOCQUEVILLE, 2005, p. 220).

Dessa forma, ao lançar a proposta de criação de uma sociedade estudantil no Atheneu Sergipense, José Ricardo Cardoso, em seu discurso de abertura da sociedade Porvir, usa palavras de incentivo aos colegas, a fim de se associarem para poder criar juntos o jornal:

Aceitai a idea da creação de um jornal, e collaborai para a sua sustentação, porque ele vos servirá de eschola pratica, de teatro de experiências. [...] Os recursos intellectuaes adquirem-se com o exercício e a pratica, porque a intelligencia é um dom concedido a todos os homens. Portanto unamo-nos, formemos uma sociedade, que todas as dificuldades ficarão removidas (*O PORVIR*, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874, p. 2).

A ideia da criação de uma sociedade como elemento efetivo de algum ideal é perceptível por meio dos escritos analisados. Outro artigo produzido pelo aluno Capitolino H.



da Costa, no número de edição 8, retrata, por exemplo, a visão que ele tinha sobre tal assunto, sendo abordada a criação de um Monte-Pio na capital da Província. Dessa maneira, o estudante pondera:

O espirito humano, querendo acompanhar a marcha progressiva de seu natural desenvolvimento, desde que transpuz os templos da idade media adoptou como elemento necessário à sua própria conservação a idéa de associação. [...] É por isso que alguns artistas desta capital, compreendendo a indeclinável necessidade de um Monte-Pio, que podesse garantir o futuro de suas famílias, acabam de convocar os seus irmãos d'arte, para o fim de convencionarem sobre as bases de uma sociedade de tanto proveito. [...] Em todos os tempos o espirito de associação tem sido um poderoso auxiliar para o engrandecimento e prosperidade de qualquer nação; visto ser da união de muitos que nasce a força – elemento essencial, de que todo o paiz precisa para prosperar. [...] Se não fosse as artes, não teríamos a imprensa, foco de luz, espargindo os benéficos clarões que iluminam a face do mundo, em tão elevado grau de perfeição; não teríamos a navegação á vapor, que no dizer do heróe do Austerlitz, conquistaria o mundo, que cresce na possibilidade dessa gigante invenção (*O PORVIR*, anno I, n. 8, 20 de setembro de 1874, p. 2).

Esse Monte-Pio a qual se refere o estudante Capitolino H. da Costa diz respeito a uma associação de artesãos criada em Aracaju naquele ano, visto como uma grande conquista daqueles trabalhadores. O estudante ressalta em seu texto a importância da criação de um espaço assim para os artistas tão desvalorizados naquele momento. É possível ler nesse texto o enaltecimento das artes como processo de evolução da sociedade.

Retomando a discussão sobre criação do jornal *O Porvir*, nota-se que o estudante José Ricardo Cardoso, em seu discurso de proposta e abertura da sociedade estudantil, exprime a ideia de que deveriam seguir o exemplo de outras Províncias do Brasil e assim criar, naquele estabelecimento de Ensino Secundário, um jornal produzido por eles, os alunos, funcionando como um meio de publicação dos “ensaios de composição de exercícios”. Para tanto, ele apresenta sua proposta:

Venho, senhores, convidar-vos para a criação de um jornal, que será escripto por nós, estudantes do Atheneu Sergipense. Attendei que desde a fundação do mesmo Atheneu, alguns estudantes tem sentido a considerável falta de um órgão litterario, para fazerem exercicios de composição. Os exercicios de composição são de grande proveito para os que frequentam as aulas secundárias, são uma espécie de estudo, e aparte, estudo serio e profundo que pede muita atenção e contribue para o desenvolvimento do espirito, e accentuação do bom gosto (*O PORVIR*, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874, p. 2).



A partir dessas palavras proferidas por José Ricardo Cardoso, fica evidente que a criação de um jornal estudantil servia como espaço para aqueles estudantes atuarem como iniciantes na carreira jornalística em Sergipe.

A iniciativa desse aluno pode estar diretamente ligada aos seus irmãos mais velhos, todos envolvidos ao ambiente educacional. Um deles, o professor Brício Cardoso, foi nomeado professor da cadeira de Retórica e Poética do Atheneu Sergipense, por meio do Decreto do dia 27 de abril de 1874, como também por “intervenção do Barão de Cotegipe, que escreveu, de Salvador, em 27 de outubro de 1872, ao Dr. Cypriano de Almeida Sebrão, Vice-Presidente da Província de Sergipe, então no exercício da presidência, solicitando a nomeação do lente Brício Cardoso (SANTOS, 2010, p. 28).

Nos estudos de Gally (2004) sobre o professor Brício, é possível perceber que a carreira desse intelectual sergipano, fora edificada a partir de um entrelaçamento de várias circunstâncias, tais como:

Parentesco que possuía com pessoas relacionadas à política, convivência com o meio religioso e educacional no qual nascera e fora criado e a competência do professor/pedagogo construída estrategicamente através das leituras, dos textos produzidos e das aulas dadas (GALLY, 2004, p. 62).

Os irmãos Cardoso estavam, pois, diretamente ligados ao Atheneu Sergipense, sendo os mais velhos Brício, em 1874 nomeado professor de Retórica e Poética e Severiano Cardoso, funcionário escriturário da instituição, vindo a ocupar o cargo de professor em 1882. Já os mais novos, José Ricardo Cardoso e Melchisedech Cardoso, na condição de estudantes.

Ao propor a criação do jornal *O Porvir* aos colegas do Atheneu Sergipense, José Ricardo Cardoso pode ter sido, dessa forma, fortemente influenciado pelo irmão-professor Brício Cardoso, tanto por ser lente de Retórica e Poética e trabalhar diretamente com a produção estudantil, como também pelo fato de o professor Brício ser adepto da prática jornalística. Segundo Santos (2010), ele tinha como prática publicar suas apostilas de gramática no *Jornal do Aracajú*, assim como suas produções literárias. Possivelmente, o grupo de estudantes que criou o jornal *O Porvir* tenha recebido incentivo desse professor por meio de suas aulas de Retórica e Poética que tiveram início exatamente no ano de 1874, meses antes da efetivação do jornal. Esse é um indício de que ele, através de sua disciplina ministrada, tinha ligação direta com a prática dos colaboradores do primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense.



Naquela época, no final do século XIX, escrever para os jornais representava ascensão intelectual: – **30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

Foi neste momento que os jornais começaram a compartilhar espaço com as diversas áreas do conhecimento, deixando de ser estritamente direcionado à política. Os periódicos tornaram-se veículo de propagação cultural do país, atendendo às necessidades da jovem nação na busca da (re)construção do patrimônio cultural nacional (MELO, 2006, p.127).

Os alunos então associados ao impresso *O Porvir*, poderiam utilizá-lo para divulgar suas produções entre as páginas do periódico, e assim expor suas opiniões a respeito de determinados assuntos sendo uma forma também de se expor às críticas. A esse respeito, um outro texto escrito por Capitolino H. da Costa diz o seguinte:

Queremos a crítica, mas a crítica judiciosa, fazendo-nos, ao menos, a justiça a que temos direito, [...]. Portanto, que nos importa a crítica dos invejosos, e que sejamos apedrejados, quando é bello soffrer pelo triumpho de um principio?" (*O PORVIR*, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874, p. 2).

Dessa forma, os alunos viam a possibilidade de crescimento intelectual com a prática jornalística, embora os dados mostrem um número restrito de alunos envolvidos na produção desse periódico. Ao longo dos números de edições analisados, foi possível contar um total de dezoito diferentes nomes que tiveram colaborações nas páginas do jornal. Esse dado revela um número reservado de alunos do Atheneu Sergipense envolvidos em tal prática. Segundo Alves (2005), no ano de 1874, o Atheneu Sergipense contou um total de 197 matriculados. Significando dizer que somente 9.14% dos alunos estiveram envolvidos na produção do impresso *O Porvir*.

O quadro a seguir apresenta os nomes dos escritores e a quantidade de colaborações entre os doze números de edições do ano de 1874:

**Quadro 2 – Escritores Associados em *O Porvir* – Agosto a Novembro (1874)**

| <b>Redator</b>                       | <b>Número de artigos assinados no <i>O Porvir</i></b> |
|--------------------------------------|---|
| Manuel Alves Machado                 | 8   |
| Capitolino H. da Costa               | 8   |
| José Ricardo Cardoso                 | 7   |
| Manoel dos Passos de Oliveira Telles | 3   |
| Silverio Fontes                      | 3   |



|  |           |
|--|-----------|
| Felisbello Junior  | 2         |
| Felix Barreto de Vasconcellos  | 2         |
| <b>ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019</b> |           |
| José de Menezes  | 2         |
| Amancio Bezerra  | 2         |
| Eutychio Lins  | 2         |
| Mathusalém Cardoso   | 2         |
| Alvaro R. Fontes   | 1         |
| José Calasans  | 1         |
| Juvencio Montes  | 1         |
| Carvalho Heitor  | 1         |
| Ramalho José da Silva  | 1         |
| Balthazar Goes   | 1         |
| Antonio de Oliveira Fontes   | 1         |
| <b>Total</b>   | <b>48</b> |

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das análises aos doze números de edições do *O Porvir* de 1874.

Com o levantamento dessas assinaturas nos artigos de *O Porvir*, observa-se que alguns desses alunos se tornaram cidadãos da elite letrada no cenário sergipano. Aqueles que se estabeleceram como professores voltaram ao Atheneu Sergipense e ocuparam cargos de docentes na instituição, sendo o caso, por exemplo, de Manoel dos Passos de Oliveira Telles e Balthazar de Araujo Goes que, além de serem professores da instituição, foram também seus diretores, e Eutychio de Novaes Lins e Amancio Bezerra, foram apenas professores.

O quadro também revela, a partir da quantidade de colaborações de escritos no jornal, que os estudantes Manuel Alves Machado, Capitolino H. da Costa e José Ricardo Cardoso tiveram maior contribuição entre os doze números que compõem a coletânea do ano de 1874. Esse dado pode ser um indício de que, provavelmente, esses três colaboradores pudessem estar à frente de tal empreitada. Nos artigos assinados por eles, é notória a valorização que empregavam na “Instrução” como “caminho de luz”, tendo em vista a imprensa como um instrumento de auxílio para se alcançar o sucesso.

Entre as linhas de *O Porvir*, escritas por seus sócios, é marcante a tradição que possuía a imprensa naquele momento, visualizada a partir do seu enaltecimento nos escritos do periódico. O jornal no século XIX constituía fundamental veículo de representação e divulgação



de ideias e concepções sobre variados temas. No primeiro escrito do número de edição 1, o estudante Eutychno Lins, apresenta um texto ponderando, segundo ele, sobre a brilhante contribuição de Gutemberg à humanidade quando criou a imprensa, “foi uma aurora brilhante para o céu das letras, essencial elemento da instrução”. Considerava, a de caráter literário então, como: “o mais importante dos pontos do quadro da organização educativa” (*O Porvir*, anno I, n. 1, 2 de agosto de 1874, p. 1).

O fruto advindo da associação dos estudantes do Atheneu Sergipense naquele ano de 1874, portanto, *O Porvir*, só fora possível de ser “colhido” a partir da junção de mesmos ideais, nesse caso, de alunos ligados à imprensa. Os alunos defendiam que aquela iniciativa dar-lhes-ia a oportunidade de possuir um veículo propagador de seus “exercícios de composição” para que, pelo menos entre seus iguais, funcionasse como disseminador de ideias, opiniões e ações.

### **A nomenclatura “O Porvir”**

Nesse espírito de inovação e credibilidade no futuro, os estudantes do Atheneu Sergipense trataram de nomear o jornal que criaram com o título de *O Porvir*, tendo, possivelmente esse nome relação com o período em que estavam inseridos. No Brasil eram crescentes as ideias de renovação política, social e educacional na década de 1870, pois as ideologias do Brasil República já davam alguns passos.

A credibilidade no futuro próspero era perceptível através dos escritos no jornal, sendo explícita também por meio do título do impresso nomeado *O Porvir*, remetendo, dessa forma, à ideia daquilo que está no futuro, do tempo que ainda aparecerá.

Por conseguinte, aqueles estudantes poderiam estar, de forma alusiva, por meio então do título do periódico, comunicando à sociedade que os escritos circulantes eram ensaios do que estava “por vir” quando fossem produzir e publicar em outros jornais já reconhecidos e fixados na sociedade.

Essa nomenclatura também foi título de vários outros jornais estudantis que circularam no Brasil. Dentre as consultas realizadas no site da Biblioteca Nacional, foram contabilizados entre o período de 1874, iniciado com *O Porvir* de Sergipe, até 1903 finalizando



com um impresso da cidade de São Paulo, treze periódicos circulantes. Todos eles pertenciam a organizações da mocidade estudantil.

**Quadro 3 - Jornais Brasileiros Circulantes de Nomenclatura *O Porvir* (1874 – 1903)**

| Localização                       | Descrição             |  |
|-----------------------------------|-----------------------|--|
| <i>O Porvir</i> (1874)            | Aracaju/SE            | “Jornal Litterario e Recreativo – Propriedade de uma Associação de Estudantes” |
| <i>O Porvir</i> (1877)            | Campinas/SP           | “Orgam Político, Litterario e Recreativo – Dedicado ao Belo Sexo”              |
| <i>O Porvir</i> (1877)            | Cuiabá/MT             | “Periodico Noticioso, Recreativo e Litterario – Editor José Augusto Pompéo”    |
| <i>O Porvir</i> (1878)            | Alagoinhas/BA         | “E’ Propriedade de uma Associação”   |
| <i>O Porvir</i> (1882)            | Rio de Janeiro/RJ     | “Jornal Hebdomadario do Clube Litterario Quarto Estado”                        |
| <i>O Porvir</i> (1882)            | “Goyaz” <sup>4</sup>  | “Orgam do Clube Juvenil – Publicas-e duas vezes por mez”                       |
| <i>O Porvir</i> (1882)            | Maceió/AL             | “Periodico Litterario e Noticioso – Colégio do Bom Jesus”                      |
| <i>O Porvir</i> (1882)            | Curitiba/PR           | “Orgam da Mocidade – Publicação Quinzenal – Redactores Diversos”               |
| <i>O Porvir</i> (1885)            | Vassouras/RJ          | “Periódico Litterario e Recreativo dos Alumnos do Colegio Alberto Brandão”     |
| <i>O Porvir</i> (1889 - 1890)     | Rio de Janeiro/RJ     | “Periodico Litterario e Recreativo – Publicação Mensal”                        |
| <i>O Porvir</i> (1895)            | Maranhão <sup>5</sup> | “Orgão da Classe Estudantil”   |
| <i>Porvir</i> (1896) <sup>6</sup> | Ytu/SP <sup>7</sup>   | “Orgam dos Alumnos do Grupo Escolar Dr. Queiroz Telles”                        |
| <i>O Porvir</i> (1903 - 1904)     | São Paulo/SP          | “Órgão do Congresso Litterario e Scientifico Abílio Borges”                    |

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do site da Biblioteca Nacional.

A partir desse quadro, fica evidente que o nome “O Porvir” fora utilizado por um número significativo de grupos estudantis espalhados pelo Brasil como forma de representá-los através do seu significado. Esses impressos configuram o que Felgueiras (2010) chama de cultura material escolar traduzindo, dessa maneira, princípios de uma sociedade, manifestando

<sup>4</sup> Transcrição feita exatamente como consta no documento

<sup>5</sup> Consta no documento apenas o nome do Estado.

<sup>6</sup> Único periódico encontrado no site da Biblioteca Nacional sem o artigo “o” no início do nome Porvir.

<sup>7</sup> Transcrição feita exatamente como consta no documento.



as condições em que ocorreram. Por meio desses impressos criados por iniciativas estudantis, é possível perceber que existia naquele momento no país uma confiança sobre o desenvolvimento no futuro, que invadia o cotidiano estudantil.

A palavra “Porvir” foi bem difundida naquele momento no Brasil, podendo ser encontrada no Hino da República, publicado no Diário Oficial em 21 de janeiro de 1890, com significado de expectativa no futuro, como é visto em um dos seus trechos:

Seja um pálio de luz desdobrado.  
Sob a larga amplidão destes céus  
Este canto rebel que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperança, de um novo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por ele lutando surgir! (HINO DA REPÚBLICA, 1890)

Outra relevância do significado da palavra “Porvir” em Sergipe é o destaque da mesma, no brasão do Estado, sendo este de criação do professor Brício Cardoso, em 1892. A esse respeito, Gally (2004) pondera que, nesse momento em Sergipe, “também era Brício responsável pela escrita de textos oficiais”, dessa forma, com relação à criação do brasão, ao se referir ao professor Brício, ela explica:

Quando ele aceitou ser membro do Constituinte republicano local, presidido pelo monsenhor Olympio Campos, ele redigiu o projeto de lei apresentado à Assembleia e convertido em legislatura ordinária referente à criação do brasão do Estado em 1892, o brasão ficou assim concebido: um indígena em ato de embarcar em um aeróstato, em cujo centro se levará a palavra porvir. No alto do emblema, figurará a data de 18 de maio de 1892; em baixo, a legenda sub leges libertas – e, nos lados, Estado de Sergipe (GALLY, 2004, p. 69)

Diante do exposto, fica evidente a relevância que possuía o nome que se configurou título do primeiro jornal estudantil do Atheneu Sergipense. Os alunos, possivelmente, acreditavam que esse nome os representaria de forma que fossem vistos como crentes em um futuro próspero utilizando-se, então, da imprensa como via de acesso ou meio auxiliar à conquista do desenvolvimento intelectual.

Desse modo, convencidos de que o saber levava ao prestígio e que a prática jornalística poderia contribuir para o alcance do sucesso, os alunos trataram de organizar a circulação do impresso. Foi marcado, então, o dia 2 de agosto de 1874 como o início de uma nova conquista estudantil em Sergipe.



## Considerações Finais ANPUF-Brasil 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

O associativismo dos alunos do Atheneu Sergipense, no ano de 1874, teve como propósito a criação de um jornal estudantil de caráter “litterario e recreativo”, onde seriam publicados os “exercícios de composição”, vistos como “ensaios” de futuras publicações que eram almejadas em jornais já estabelecidos na sociedade.

A partir dos escritos analisados é possível levantar a assertiva de que os alunos acreditavam na criação de uma associação como elemento efetivo de algum ideal. O movimento associativista unia os interesses em comum para o alcance dos objetivos.

O jornal nasceu, portanto, da iniciativa do aluno José Ricardo Cardoso, irmão do professor Brício Cardoso, grande defensor das letras e da prática jornalística em Sergipe. Provavelmente os laços de parentescos tenham contribuído para tal assertiva que se configurou *O Porvir* no ano de 1874.

Contando com associados estudantes do Atheneu Sergipense, o jornal *O Porvir*, tivera redatores que, posteriormente, se tornaram professores da mesma sede que abrigou a associação Porvir, tornando-se nomes conhecidos no cenário intelectual sergipano como Bathazar de Araujo Goes e Manuel dos Passos de Oliveira Telles, por exemplo.

Nomeando o jornal de “O Porvir”, os alunos representavam suas crenças de um futuro próspero através de seu título. Essa nomenclatura pode ser evidenciada em vários jornais estudantis circulantes no Brasil, no século XIX e início do XX. Provavelmente o nome teve relação com o momento em que estavam inseridos.

## Referências

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária, examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)**. Tese. (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis e investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**. Pelotas, n. 11, p. 117–130, abr. 2002.



BRASIL ESCOLA. **Hino da República**. 2016. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/hinodaproclamacaodarepublca.htm>. Acesso em: 15 jan. 2016.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura Escolar: da migração do conceito à sua objetividade histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e Autores, 2010.

FRAGO, Antonio Vifiao. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la Educación**, v. 13-14, p. 17-74, 1993-1994.

GALLY, Christianne Menezes. **Brício Cardoso no Cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870 – 1874)**. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2004.

GUARANÁ, Armindo. **Diccionario Bio-bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro, 1925.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 1, Jan./ Jun. p. 09. Campinas: Autores Associados, 2001.

MELO, Carlos Augusto de. **Cônego Fernandes Pinheiro (1825–1876): um crítico literário pioneiro do Romantismo no Brasil**. Dissertação. (Mestrado em Teoria e História Literária) - IEL Unicamp, São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Simone Paixão. As Associações Estudantis no Atheneu Sergipense do Século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 7, 2013 **Anais...** Cuiabá, MT, 2013.

SANTOS, Ana Márcia Barbosa. **Sob a Lente do Discurso: aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América: sentimentos e opiniões**. Livro II. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_, Alexis de. **A democracia na América: leis e costumes**. Livro I. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**Fontes**



*O Porvir*, Aracaju/SE, anno I, n. 1, 2 de agosto de 1874, p. 1

~~*O Porvir*, Aracaju/SE, anno I, n. 1, 2 de agosto de 1874, p. 1~~ **ANPUH-Brasil - 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

*O PORVIR*, Aracaju/SE, anno I, n. 2, 9 de agosto de 1874, p. 2

*O Porvir*. Aracaju/SE, anno I, n. 3, 16 de agosto 1874, p. 2

*O PORVIR*, Aracaju/SE, anno I, n. 4, 23 de agosto de 1874, p. 1

*O PORVIR*, Aracaju/SE, anno I, n. 8, 20 de setembro de 1874, p. 2